

## O *Frame* Semântico como uma ferramenta analítica de compreensão de experiências sociais educacionais

Fernanda Raquel Oliveira Lima  
Universidade Federal de Juiz de Fora (fernandarolima@oi.com.br)  
Neusa Salim Miranda  
Universidade Federal de Juiz de Fora (neusasalim@oi.com.br)

### RESUMO:

Apresentaremos os procedimentos analíticos que vêm sendo desenvolvidos e aperfeiçoados no projeto “Práticas de Oralidade e Cidadania”, objetivando elucidar as formas como tomamos o conceito de *frame* como ferramenta analítica para compreensão de experiências educacionais. Os procedimentos utilizados têm demonstrado potencial caráter replicável no campo textual e no desvelamento das perspectivas dos indivíduos sobre suas experiências sociais, logo, vimos buscando, em pesquisa de doutoramento (LIMA, com defesa prevista para 2014), aperfeiçoar e detalhar tais procedimentos sustentados pelo paradigma epistemológico da Linguística Cognitiva (LAKOFF e JOHNSON, 1999; LAKOFF, 1987; FACOUNNIER e TURNER, 2002; CROFT e CRUSE, 2004) e dois de seus modelos, a Semântica de *Frames* (FILLMORE, 1977, 1979, 1982, 1985) – sua mais sofisticada instanciação, a *Framenet* – e os Modelos Baseados no Uso (GOLDBERG, 1995; LAKOFF, 1987; TOMASELLO, 2003).

Palavras-chave: Semântica de Frames; Frame Semântico; Modelos Baseados no Uso; Frequência de Uso.

### ABSTRACT:

In this paper, we will present the analytical procedures which have been developed and improved in the project "Práticas de Oralidade e Cidadania" (Citizenship and Orality Practice, in English). We aim at elucidating the ways the concept of frame has been understood as a analytical tool for the comprehension of educational experiences. The used procedures show a potential replicable character on the textual field and on the unveiling of individuals' perspectives in their social experiences. Thus, we have been seeking, in our PhD research (LIMA, thesis due to 2014), to perfect and detail such procedures, supported by the epistemologic paradigm found in Cognitive Linguistics (LAKOFF and JOHNSON, 1999; LAKOFF, 1987; FACOUNNIER and TURNER, 2002; CROFT and CRUSE, 2004) and its two models, the Frame Semantics (FILLMORE, 1977, 1979, 1982, 1985) – in its more sophisticated form, the FrameNet project – and the Usage-Based Models (GOLDBERG, 1995; LAKOFF, 1987; TOMASELLO, 2003).

Key-words: Frame Semantics; Semantic Frame; Usage-Based Models; Usage Frequency.

### Introdução

O macroprojeto de pesquisa “Práticas de Oralidade e Cidadania” (MIRANDA, 2009 – FAPEMIG - APQ- 02405-09; PNP/CAPEs-2011) – desenvolvido no Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Juiz de Fora na interface linguística e ensino de línguas, e, atualmente, parte integrante do projeto de lexicografia computacional *Framenet* Brasil (<http://www.framenetbr.ufjf.br/>), na linha “Frames e cidadania” – há alguns anos vem desenvolvendo trabalhos investigativos a respeito da

perspectiva discente e docente sobre a sala de aula e sobre a escola. Os resultados desses diferentes subprojetos<sup>1</sup> têm nos conduzido à tessitura de um “mapa da crise” no cenário educacional brasileiro da contemporaneidade (violência de todos os tipos, desordem, desinteresse, desconhecimento dos padrões comportamentais e linguísticos que regem as diferentes cenas públicas de interação, desconhecimento das hierarquias legítimas, falta de generosidade, respeito, gentilezas etc.).

A principal motivação do macroprojeto de pesquisa encontra-se na inquietude dos pesquisadores diante das vivências sociais conflituosas no campo educacional. Para investigar estas vivências, o grupo tem tomado como objeto de estudo os discursos daqueles que vivem tais experiências sociais: alunos e professores (estes com menos relevo que aqueles). Em um primeiro momento, esses discursos foram construídos a partir de entrevistas e, nos trabalhos em desenvolvimento na presente etapa, vimos utilizando as narrativas de experiência (THORNBORROW e COATES, 2005; FABRÍCIO e BASTOS, 2009; THREADGOLD, 2005; BAUMAN, 1986; COUPLAND, GARRET e WILLIAMS, 2005).

A análise dos discursos combina o estudo semântico à hermenêutica sustentada também por estudos linguísticos, mas não apenas. O vínculo dos trabalhos desenvolvidos no interior do macroprojeto “Práticas de Oralidade e Cidadania” com uma linha de pesquisa em que, por um conector aditivo, marca-se a conjunção de duas áreas (“Linguística e Ensino de Línguas” – PPG-Linguística – FALE/UFJF) nos impele, em nossas decisões teórico-analíticas, a igual movimento, reconhecendo a insuficiência da Linguística para promover a interpretação e o julgamento das questões educativas tomadas como objetos de pesquisa. A análise semântica, que nos fornece sólido suporte à interpretação das experiências educacionais tomadas como objeto de investigação, tem como categoria central o conceito de *frame* desenvolvido pela Semântica de *Frames* e pela plataforma lexicográfica dela derivada, a *Framenet* (FILLMORE, 1977, 1979, 1982, 1985; PETRUCK, 1996). Os Modelos Baseados no Uso (GOLDBERG, 1995; LAKOFF, 1987; TOMASELLO, 2009, 2005, 2003; SALOMÃO, 2002; MIRANDA, 2008) nos dão o suporte necessário para a abordagem metodológica da frequência de *types/tokens* nos corpora constituídos, trazendo à análise quantitativa dos dados a dimensão do uso.

Neste ensaio, objetivamos elucidar os procedimentos metodológicos assumidos no macroprojeto em questão, buscando evidenciar o seu caráter replicável para a análise da experiência social de diferentes ordens discursivas, na educação, na saúde, na assistência, na política etc..<sup>2</sup> A experiência adquirida ao longo das pesquisas desenvolvidas no interior do macroprojeto tem nos revelado que a abordagem do discurso através do conceito de *frame* e de parâmetros de quantificação de uso da linguagem oferece um suporte linguístico sólido e coerente para a interpretação da perspectiva dos sujeitos de uma determinada comunidade acerca de suas vivências. Acreditamos se tratar de um terreno fértil de diálogo entre a Linguística e as Ciências Sociais, uma vez que a Linguística Cognitiva (em especial a Semântica de *Frames*) dispõe de categorias capazes de converter uma análise de conteúdo ou temática em uma rica rede de relações entre modos de conceptualizar e expressar as experiências humanas.

---

<sup>1</sup> Dissertações de mestrado: LIMA, 2009; PINHEIROS, 2009; BERNARDO, 2011; FONTES (com defesa prevista para setembro de 2012). Monografias do curso de especialização em Ensino de Língua: LAGE et al, 2009; LIMA et al, 2007; MARTINS et al, 2004.

<sup>2</sup> O aprofundamento e fortalecimento dos procedimentos metodológicos assumidos pelo macroprojeto “Práticas de Oralidade e Cidadania” constitui parte da tarefa por nós desenvolvida em pesquisa de doutoramento (LIMA, com defesa prevista para março de 2014).

A tarefa que nos predispomos a realizar neste ensaio – de apresentar os procedimentos metodológicos para investigação de discursos a partir do conceito de *frame* e de parâmetros de quantificação de uso da linguagem – será apresentada da seguinte forma: partiremos da apresentação do quadro teórico que nos oferece a base dos procedimentos metodológicos a serem aqui expostos, a saber, a Semântica de *Frames*; a plataforma lexicográfica dela derivada, a *Framenet*; e os Modelos Baseados no Uso. A escolha teórica pela visão construcionista presente nos Modelos de Uso traz para nossas análises o relevo do uso e da frequência de padrões construcionais linguísticos. A opção pela Semântica de *Frames*, um modo de fazer estudos semânticos que conjuga linguagem e experiência, coloca a noção de *frame* como nossa principal categoria analítica para o processo de compreensão dos discursos que constituem os corpora de nossas pesquisas. A justificativa para a escolha do *frame* semântico como categoria analítica a ser utilizada no estudo de discursos pode ser destacada dos termos de Fillmore (2009 [1982], p. 37):

As palavras que evocam *frames* em um texto revelam a multiplicidade de maneiras com que o falante ou o autor esquematizam a situação e induzem o ouvinte a construir uma tal visualização do mundo textual que motive ou explique os atos de categorização expressos pelas escolhas lexicais observadas no texto.

A Semântica de *Frames* mostra seu potencial uso para a análise dos processos de significação dos textos, contudo, seu foco primordial encontra-se no nível lexical ou gramatical. O aprofundamento dos estudos no nível textual tem sido nossa tarefa nas pesquisas que vimos desenvolvendo no interior do macroprojeto “Práticas de Oralidade e Cidadania”. A parte que segue a apresentação do aporte teórico consiste, portanto, na descrição dos procedimentos analíticos no uso do conceito de *frame* como uma ferramenta analítica de compreensão de discursos e como suporte para o exercício hermenêutico das experiências sociais, em especial, educacionais.

## **1. A Semântica de *Frames* e o projeto *Framenet***

O cenário de estudos linguísticos, nos anos finais da década de 1970, encontrava-se marcado pelo fortalecimento de um movimento dissidente do empreendimento gerativista que reivindicava, dentre outras coisas, um espaço para os estudos da significação (LAKOFF e JOHNSON, 1999, 2002; LAKOFF, 1987; FACOUNNIER e TURNER, 2002; CROFT e CRUSE, 2004; FILLMORE, 1977, 1979, 1982, 1985). A premissa tomada como ponto de partida para o desenvolvimento de uma semântica cognitiva, naquele momento, foi a da continuidade postulada entre todos os modos da cognição – e, conseqüentemente, a continuidade entre linguagem e experiência.

No enquadre teórico dos estudos cognitivos da linguagem, os processos de significação e referência passaram, no primeiro momento, a ser compreendidos como estando em mútua relação com as estruturas de expectativa. Segundo Ross (1975 apud TANNEN, 1993, p. 16), estas estruturas de expectativa são o resultado da organização do conhecimento realizada pelos seres humanos com base em sua experiência no mundo

e na cultura. Este conhecimento é utilizado para prever as interpretações e as relações sobre as informações, eventos e experiências.

De acordo com Tannen (1993, p. 15), o conceito de estruturas de expectativa pode ser encontrado, com outras denominações, nos estudos de diferentes áreas do conhecimento: Linguística, Psicologia Cognitiva, Psicologia Social, Inteligência Artificial, Sociologia, Antropologia entre outras áreas. Os estudiosos destes diferentes campos variam na utilização dos termos Esquema, *Script*, Modelo Cognitivo Idealizado ou *Frame*. Divergentes em um traço ou outro, todos se definem, basicamente, por serem modelos complexos de organização do conhecimento compartilhado cultural e socialmente. Esses modelos complexos de organização do conhecimento se referem às expectativas sobre o mundo, que são frutos de uma experiência primeira a partir da qual novas experiências são julgadas e interpretadas.

Na Linguística, o programa mais consistente para abordagem deste fenômeno foi desenvolvido por Fillmore (1977, 1979, 1982, 1985). Ao longo de quatro décadas, o autor vem realizando um sólido projeto de pesquisa sobre semântica empírica, que enfatiza a continuidade entre linguagem e experiência, denominado Semântica de *Frames*. O alcance do projeto vai do léxico à gramática e ao texto. Fillmore (1985) define seu modelo como uma Semântica da Compreensão (*U-Semantics*) em contraposição a uma Semântica da Verdade (*T-Semantics*), parte, portanto, da insuficiência da descrição do significado lexical em termos de uma lista de condições necessárias e suficientes. Nesse enquadre, nega o caráter estritamente composicional do processo de significação e a divisão entre enciclopédia e dicionário, praticada por estas análises componenciais.

A gênese deste programa é contada pelo próprio autor (FILLMORE, [1982] 2009). O interesse por pesquisas relativas à estrutura e semântica lexical demarcou o início de uma longa trajetória de estudos linguísticos, iniciados por Fillmore no final da década de 1950. Os primeiros trabalhos foram sobre a possibilidade de coocorrência de palavras em uma determinada posição. Nos termos do linguista (FILLMORE, [1982] 2009, p. 27), o objetivo nesta época era tentar “desenvolver classes de distribuição de palavras como sendo os ‘frames’ dentro dos quais [o autor] poderia descobrir classes apropriadas de elementos mutuamente substituíveis”.

No início da década de 1960, o pesquisador esteve envolvido em estudos filiados à gramática transformacional do inglês, para a qual contribuiu com a classificação dos verbos desta língua de acordo com os seus comportamentos gramaticais. Desta vez, porém, segundo Fillmore ([1982] 2009, p. 27), a pesquisa não era desenvolvida “apenas de acordo com os *frames* da sintaxe de superfície que acomodavam esses verbos, mas também de acordo com seu ‘comportamento’ gramatical, que era pensado em termos da sensibilidade das estruturas que continham os verbos com relação a certas ‘transformações’ gramaticais”. O pesquisador (FILLMORE, [1982] 2009, p. 28) acreditava, nesta época, que ao descobrir o comportamento de uma classe de palavras estaria no caminho para descobertas a respeito da estrutura gramatical do Inglês, uma vez que supunha que “as propriedades distribucionais de palavras individuais [...] somente poderiam ser compatibilizadas caso a gramática da língua operasse segundo determinados princípios de funcionamento”.

No entanto, nos anos finais da mesma década, Fillmore passou a se interessar não exclusivamente por aspectos sintáticos, mas também por aspectos semânticos dos verbos da língua inglesa. Influenciado por estudos a respeito da gramática de dependência e teoria da valência, passou a se preocupar com a descrição da valência semântica dos verbos, ou seja, a descrição do papel semântico dos seus argumentos.

Essa trajetória de pesquisa (então, de mais de vinte anos), levou Fillmore ([1982] 2009, p. 30) a considerar que existem estruturas cognitivas mais complexas “capazes de fornecer um novo nível de noções de papéis semânticos em termos das quais se poderiam caracterizar semanticamente domínios lexicais inteiros”.

O conceito de *frame* é então postulado nos termos seguintes: “cada *frame* de caso caracteriza uma pequena ‘cena’ ou ‘situação’ abstrata, de modo que, para entender a estrutura semântica do verbo, era necessário entender as propriedades da esquematização dessas cenas” (FILLMORE, [1982] 2009, p. 30).

Estavam, portanto, erigidas a experiência e as reflexões necessárias para o desenvolvimento da Semântica de *Frames*. Dentro da abordagem contemporânea desta teoria, o conceito de *frame* se amplia; as relações sintático-semânticas de todos os núcleos lexicais (Nomes, Verbos, Adjetivos, Preposições e Advérbios), e não apenas do verbo, passam a ser consideradas (SALOMÃO, 2009).

Na Semântica de *Frames*, duas noções de relevo serviram à configuração do conceito de *frame*: a de perspectiva e a de protótipo. Para Fillmore (1977, 1979, 1982), o falante ativa suas experiências relativas ao contexto com o objetivo de entender. Cada uma das cenas é ativada na mente por uma palavra do contexto que, ao acionar a cena, também focaliza uma parte dela, instaurando uma perspectiva. Na mente estão armazenadas as cenas, porém, nas instanciações concretas, elas são representadas de uma perspectiva particular, logo, o foco está em uma porção da cena, não em sua totalidade. Segundo Fillmore (1977, p. 59), portanto, “os significados são relativizados às cenas”.

Inspirado na noção de protótipo desenvolvida nos trabalhos de Eleanor Rosch (1973 apud FILLMORE, 1982, p. 117), Fillmore (1979, p. 87) afirma que cada construção linguística recorta uma perspectiva sobre uma cena prototípica, ou seja, sobre aquela cena que aponta para os casos mais claros, os melhores exemplos. A partir de então, passou a propor a descrição dos significados das palavras usando a noção de protótipo: descrever as cenas prototípicas, sobre as quais se instauram as perspectivas.

O conceito de *frame* construído a partir destas considerações é anunciado por Fillmore ([1982] 2009, p. 25 e 34, respectivamente) das seguintes maneiras:

[...] qualquer sistema de conceitos relacionados de tal modo que, para entender qualquer um deles, é preciso entender toda a estrutura na qual se enquadram; quando um dos elementos dessa estrutura é introduzido em um texto, todos os outros elementos serão disponibilizados automaticamente.

[...] um sistema de categorias estruturado de acordo com um determinado contexto motivador. [...] Contexto motivador é um conjunto de conhecimentos, um padrão de práticas ou a história de alguma instituição social dentro dos quais a criação de uma categoria específica na história de uma comunidade linguística se torna inteligível.

A Semântica de *Frames*, além de propor um programa teórico em semântica empírica que põe em relevo a continuidade entre linguagem e experiência, também vem constituindo, desde os anos de 1990, um conjunto de ferramentas analíticas para a apresentação dos resultados desta pesquisa e para sua aplicação. É o que podemos reconhecer no projeto lexicográfico computacional liderado por Fillmore – a *Framenet* ([framenet.icsi.berkeley.edu](http://framenet.icsi.berkeley.edu)), uma nova tecnologia de informação baseada em relações lexicais e *frames*.

A partir da ideia central da Semântica de *Frames* de que o significado das palavras devem ser descritos em relação aos *frames* semânticos (FILLMORE et al,

2003), o objetivo do projeto *Framenet* é organizar uma descrição lexicográfica das propriedades semânticas e sintáticas de Unidades Lexicais (doravante ULs – construção linguística que parecia uma forma com a evocação de um *frame*) da língua inglesa, baseada em evidências extraídas de um vasto corpus eletrônico, a fim de criar um dicionário eletrônico. Para o desenvolvimento dessa proposta, conforme é apresentado no manual cunhado “*The Book*” (RUPPENHOFER et al, 2006), parte-se, inicialmente, de uma *frame*, selecionado para a análise. Em seguida, selecionam-se as ULs do *frame* escolhido e desenvolve-se o processo de análise lexicográfica.

A análise lexicográfica consiste no levantamento das possibilidades combinatórias, sintáticas e semânticas, das ULs, levando em consideração 3 camadas principais: os Elementos do *frame*, as Funções gramaticais e os Tipos de Sintagmas da realização linguística do Elemento do *frame*. As informações sobre valência, na *Framenet*, são especificadas, portanto, em termos semânticos (Elementos do *Frame* – identifica os participantes e suas características dentro de um *frame*) e sintáticos (Tipo de Sintagma – Sintagma Nominal, Sintagma Verbal etc. – e Função Gramatical – externo, objeto, dependente.).

O projeto *Framenet* efetua, ainda, uma tarefa complexa de definições de redes de relações entre *frames*, o que permite o estabelecimento de generalizações semânticas nas descrições realizadas. Conforme podemos ver no material explicativo “*The Book*” (RUPPENHOFER et al, 2006, p. 73) , são propostas pelo menos sete relações entre os *frames*: *Inheritance*, *Perspective-on*, *Subframe*, *Precedes*, *Using*, *Causative-of* e *Inchoative-of*. As relações se dão entre dois *frames*, em que um (menos dependente, mais abstrato) pode ser chamado de superframe e o outro (mais dependente, menos abstrato) subframe.

O projeto *Framenet* americano já apresenta novos braços em distintas línguas. No Brasil, este projeto, denominado *Framenet* Brasil (<http://www.framenetbr.ufjf.br/>), cujo objetivo é construir um banco de dados lexicais *on-line* para a língua portuguesa, está sendo desenvolvido por pesquisadores da Universidade Federal de Juiz e Fora (SALOMÃO, 2009).

Outros projetos lexicográficos diferentes têm se valido das descrições de *frames* promovidas pela *Framenet*. É o caso do *Kicktionary* ([www.kicktionary.de/](http://www.kicktionary.de/)), um dicionário eletrônico da linguagem do futebol nas línguas alemã, francesa e inglesa. O *Kicktionary*, criado por Thomas Schmidt a partir de uma aproximação com a *Wordnet* (<http://wordnet.princeton.edu/>) – projeto de laboratório de ciências cognitivas da Universidade de Princeton que se constitui como um vasto repertório de dados lexicais da língua inglesa, agrupados em *synsets* e inter-relacionados por relações conceituais léxicas e semânticas) trata não só das relações entre *frames*, mas também das relações lexicais.

O procedimento geral para a construção deste dicionário, disponibilizado no *site* através do *link* denominado *Background*, implica, em primeiro lugar, a escolha das ULs potenciais de uma lista de palavras (*wordlist*) do corpus, e só depois o estabelecimento das hierarquias de cenas (ou superframes, nos termos da *Framenet*) e *frames*. Tal procedimento tem uma justificativa: escolhem-se as ULs primeiro para se evitar uma postura “intuitiva” na postulação de *frames*. Não é o caso, portanto, de escolher os *frames* e depois “preenchê-los” com material. Essa postura analítica em muito se aproxima dos procedimentos adotados em nosso macroprojeto de pesquisa.

Outro procedimento usado pelo *Kicktionary*, voltado para as relações lexicais, consiste no estabelecimento de hierarquias de conceitos através de *synsets* (listas de sinônimos). Assim, são agrupadas palavras com significação idêntica ou muito similar.

As relações lexicais destacadas por Schmidt são: hiperonímia/hiponímia; holonímia/meronímia; troponímia.

Os dicionários acima são uma mostra vigorosa do potencial de uso da Semântica de *Frames* no campo de estudo do léxico. Valendo-nos das descrições e procedimentos destes estudos, estendemos o alcance deste modelo semântico, criando ferramentas para a análise do discurso.

Na próxima seção, apresentaremos, em linhas gerais, os princípios básicos dos Modelos Baseados no Uso com o objetivo de elucidar o relevo do uso e da frequência de padrões construcionais linguísticos em nossos processos analíticos.

## 2. Os Modelos Baseados no Uso

Nos estudos linguísticos cognitivos emergiu uma nova concepção de gramática sustentada pelas distintas teorias da Gramática das Construções que também têm importante papel nos estudos da Semântica de *Frames* – gramática concebida como uma rede de unidades simbólicas ou Construções, erguida na cultura por meio da frequência de uso (GOLDBERG, 1995; SALOMÃO, 2002; CROFT e CRUSE, 2004; MIRANDA, 2008; TOMASELLO, 2009, 2005, 2003).

As construções são unidades básicas da linguagem que, de acordo com Goldberg (1995, p. 4), se caracterizam pelo pareamento da forma e dos modos de significação. Conforme anuncia Miranda (2008, p. 12), “a construção articula (i) o pólo da forma como dimensão expressiva do significante (expressão fônica, escrita e outras semioses, como o gesto) e dimensão morfossintática; e (ii) o pólo da significação ou função que agrega a dimensão semântica e pragmática”.

A concepção construcionista da linguagem elege as construções como unidades básicas do conhecimento linguístico em todos os níveis – dos morfemas às palavras, às sentenças, aos idiomas e ao discurso. O conhecimento linguístico é considerado, portanto, uma coleção de construções.

A abordagem construcionista da linguagem incorpora uma visão probabilística de ocorrência das construções, o que significa dizer que o que é possível nem sempre é provável de acontecer dentro do sistema linguístico. Logo, considera-se que, apesar da possibilidade teórica de alguns traços linguísticos ocorrerem, nem todos apresentam frequências iguais e, ainda, esta diferença de frequência de ocorrências não é aleatória. As construções, aprendidas pelos falantes como padrões de uso relevantes na interação, são reiteradas nas práticas discursivas e tal frequência de uso é determinativa da incorporação das construções ao léxico e à gramática de cada falante e de cada língua. Esta premissa de uso, presente, via de regra, nas teorias de Gramática das Construções permite tratar as construções como Modelos baseados no Uso. Nos termos de Miranda, 2008, p.15:

Os modelos da Gramática das Construções postos por Goldberg (1995, 2006), Langacker (2007), Croft (2001, 2004, 2007), trazem para a teoria a dimensão nuclear do uso **real**, passando a lidar com corpora naturais e dimensionando, de modo mais efetivo, **o papel do uso na arquitetura cognitiva do léxico e da gramática.**

Os Modelos baseados no Uso estão presentes também nos estudos da ontogênese. Resumidamente, podemos dizer que Tomasello (2009, 2005, 2003) reivindica uma relação fundamental entre uso e aquisição da linguagem, afirmando que a aprendizagem da criança é lexicalmente dependente e gradual. Assim, sustentando a tese da “riqueza de estímulos”, o autor afirma que a aquisição de construções linguísticas particulares depende fortemente de línguas específicas a que uma dada criança é exposta e que generalizações acontecem somente após um significativo acúmulo de material linguístico concreto aprendido. Nestes termos, Tomasello considera a frequência de um padrão construcional como um fator substancial de aprendizagem, mas salienta que a relevância comunicativa deste padrão nos *Frames* de Atenção Conjunta em que a criança se envolve com o adulto é, de fato, o valor determinativo da aquisição.

Nesse enquadre construcionista, Tomasello (2003, p. 5) afirma que “a dimensão gramatical da linguagem é um produto de um conjunto de processos históricos e ontogenéticos aos quais se nomeia gramaticalização”. O processo de gramaticalização traduz, assim, o fato de os padrões construcionais de uso emergirem quando os seres humanos usam os símbolos e se consolidarem quando há reiterações de tais construções. Logo, a gramática e o significado têm sua origem na recorrência das construções específicas e na posterior abstração e generalização das formas recorrentes. A frequência de uso está, pois, intrinsecamente vinculada à constituição do sistema linguístico.

Assumimos nos trabalhos desenvolvidos no macroprojeto “Práticas de Oralidade e Cidadania” que o uso reiterado resulta em uma rotina cognitiva a ser armazenada na memória de longo prazo e, então, tornar-se parte da formação do sistema linguístico internalizado dos falantes, tanto no que respeita às construções lexicais quanto sintáticas e discursivas de uma língua. Desta forma, consideramos que a repetição de determinadas experiências evocadas por determinadas Unidades Lexicais ou Construcionais nos discursos indiciam a convencionalização, a relevância de certas cenas ou *frames* nas vivências educacionais dos sujeitos – e de sua comunidade – que colaboram com as nossas pesquisas.

Nas seções seguintes, explicitaremos, sucintamente, os procedimentos metodológicos utilizados no macroprojeto “Práticas de Oralidade e Cidadania” que tomam como base a Semântica de *Frames* e os Modelos Baseados no uso, na investigação de discursos.

### **3. O uso de corpora e a consideração da frequência de uso como um marcador de convencionalização de estruturas de experiências e de construções linguísticas**

Ancorada em uma teoria linguística que pressupõe a relação entre linguagem e experiência (Linguística Cognitiva e, mais especificamente, os Modelos baseados no Uso e a Semântica de *Frames*, com seus programas de lexicografia computacional), os trabalhos desenvolvidos no macroprojeto “Práticas de Oralidade e Cidadania” buscam somar à observação empírica a introspecção do linguista. Este enquadre investigativo implica novos parâmetros teórico-metodológicos como o uso de corpora e a consideração da frequência de uso de Unidades Lexicais e Construcionais (e também de *frames* – acréscimo nosso).

- O uso de corpora

É na interface cognição/experiência, cognição/uso que se pode falar de uma Linguística Cognitiva baseada em coleta e exploração de corpus. A coleta consiste no levantamento de dados linguísticos textuais de uma dada língua, em situações reais de uso com a finalidade de exploração, ou seja, com o propósito de servir para pesquisas de descrição da linguagem em especial, mas também em investigações de situações de ensino de língua e outras práticas sociais (SARDINHA, 2000, p. 325).

Segundo Sardinha (2000), o corpus deve ser constituído por uma coletânea de textos naturais, no sentido de que são produções reais de falantes em contextos reais de uso. A tecnologia computacional permite tanto maior facilidade de armazenamento do corpus quanto mecanismos de exploração destes dados.

Como anunciado à introdução deste ensaio, os trabalhos desenvolvidos no macroprojeto “Práticas de Oralidade e Cidadania” construíram seus corpora de pesquisa, em um primeiro momento, a partir de entrevistas aplicadas a alunos e professores da rede municipal pública de ensino de Juiz de Fora/MG. Atualmente, estamos utilizando as narrativas de experiência de graduandos do curso de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora (objeto de pesquisa de doutorado de Fernanda Lima, com defesa prevista para março de 2014) e as narrativas de experiência de alunos da rede estadual pública de ensino de Juiz de Fora (objeto de pesquisa de mestrado de Amanda Testa e Luciene Loures, com defesas previstas para março de 2013).

Nosso corpus caracteriza-se, portanto, como autêntico, uma vez que é produzido por falantes nativos, por sujeitos reais em uma determinada moldura comunicativa. Contudo, é artificial, visto que constituído especificamente para fins de pesquisa através de instrumento investigativo (entrevistas ou espaços para construção de narrativas de experiência). Após a coleta dos dados, estes são organizados para a criação do corpus através da digitalização (sem correções) e da etiquetagem. A digitalização e etiquetagem dos dados facilitam a análise e o uso de ferramentas computacionais para estudo de grandes massas de dados e para o estabelecimento de parâmetros de frequência (em especial, utilizamos o software *Word Smith Tools* e suas ferramentas, *Wordlist* e *Concord*).

- A frequência de uso

Conforme apresentado na seção 3 deste artigo, os Modelos baseados no Uso têm como fundamento o princípio de que a frequência de uso na linguagem é constitutiva da arquitetura cognitiva da gramática, do léxico e do discurso. Nestes modelos construcionistas, emerge a visão de que aprendemos a linguagem através de exemplares específicos e de generalizações construídas a partir da reiteração das construções, a partir, portanto, do uso da linguagem.

Para saber a probabilidade de construções de ordens distintas (lexicais, semânticas, sintáticas, discursivas etc.) é imprescindível, pois, que haja observação empírica da frequência de uso. Para a análise dos dados, então, levamos em conta tanto aquilo que a frequência de uso nos sinaliza com relação à convencionalização da construção linguística ou da experiência social, quanto a análise que o linguista desenvolve a partir do quadro teórico que elegeu para a realização da pesquisa.

Em termos dos Modelos baseados no Uso, a produtividade de determinado padrão construcional linguístico deve ser investigada de dois modos: segundo sua frequência de ocorrência (*token*) e segundo sua frequência de tipo (*types*). A frequência de ocorrência (quantidade de vezes que uma determinada construção linguística aparece em um corpus natural) indica o grau de convencionalização do padrão linguístico, enquanto a frequência de tipo (quantidade de formas distintas que os falantes experimentam uma construção) demonstra a produtividade deste padrão (TOMASELLO, 2009, p. 181).

#### **4. O papel dos *frames* como ferramenta de descrição e explicação da significação discursiva**

Para a análise dos discursos construídos a partir de instrumentos investigativos, partimos da base teórica fornecida pela Semântica de *Frames* (FILLMORE, 1977, 1979, 1982), fazendo uso de descrições e procedimentos utilizados pelos projetos lexicográficos *FrameNet* (descrições de *frames* e redes de relações entre *frames*) e *Kicktionary* (redes de relações lexicais).

Segundo Fillmore (2009 [1982], p. 37), “o processo de compreensão de um texto envolve recuperar ou perceber os *frames* evocados pelo conteúdo lexical do texto e combinar esse tipo de conhecimento esquemático [...] a fim de conceber uma determinada ‘visualização’ do ‘mundo’ do texto”. Nessa direção, nosso primeiro passo na análise dos discursos é identificar os *frames* invocados pelas Unidades Lexicais presentes em tais textos. Desta forma, buscamos visualizar quais cenas conceptuais compõem a experiência social investigada, através dos passos seguintes:

- i. Levantamento das Unidades Lexicais (ULs) e das Unidades Construcionais (UCs) nas narrativas discentes.  
Pressuposto fillmoriano: a relação entre semântica lexical, gramatical e a semântica do texto. Por que os falantes selecionam tais formas neste contexto discursivo?
- ii. Evocação dos *frames* que as ULs e UCs invocam.  
Pressuposto fillmoriano: O *frame* é concebido como uma estrutura complexa de experiência, como ferramenta para a compreensão e também como uma ferramenta para a descrição e explicação do significado lexical, gramatical e textual;
- iii. Busca destes *frames* no dicionário *Framenet*, considerando apenas a notação de Elementos do *Frame* (EFs) – camada semântica;
- iv. Descrição de *frames* emergentes nos discursos – notação semântica (EF) – caso não estejam descritos pela *Framenet*;
- v. Identificação, quando pertinente, das relações entre *frames*, tal como é proposta na *Framenet*.

Seguindo o exemplo do trabalho realizado pelo *Kicktionary*, as ULs, como instâncias formais dos EFs, podem ser organizadas dentro de *synsets* (lista de sinônimos) com o objetivo de apresentar os dados de uma forma mais econômica e clara.

## Considerações Finais

Neste artigo, buscamos demonstrar a reapplicabilidade da metodologia baseada em *frames*, associada aos parâmetros de quantificação de uso, para a análise de experiências sociais (na educação, como é o nosso caso, ou em outros campos, como a saúde, a política, a segurança, a economia, a assistência, dentre outros) a partir dos discursos construídos por aqueles que vivem tais experiências sociais. Como anunciado, esses procedimentos metodológicos vêm sendo desenvolvidos pelos trabalhos de pesquisa realizados no interior do macroprojeto “Práticas de Oralidade e Cidadania”. O aperfeiçoamento destes constitui parte importante da pesquisa de doutoramento de Lima (com defesa prevista para março de 2014).

A utilização dos procedimentos analíticos descritos neste material tem nos possibilitado delinear as categorias de experiência codificadas pelos membros das comunidades investigadas por meio das escolhas linguísticas em seus discursos, temos conseguido, desta forma, colocar em relevo os *frames* que compõem a experiência educacional em questão em cada trabalho. Esta configuração de uma rede de *frames* faz emergirem as vivências mais reiteradas e marcantes para os indivíduos da comunidade em foco e fornece uma significativa ferramenta para a leitura hermenêutica interdisciplinar destas vivências perspectivadas pelos discursos.

## Referências

BAUMAN, R. *Story, performance and event: contextual studies of oral narrative*. Cambridge: CUP, 1986.

BERNARDO, Flávia Cristina. *Vida escolar – O mapa da crise na perspectiva discente*. 2011. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2011.

COUPLAND, N.; GARRETT, P.; WILLIAMS, A. Narrative demands, cultural performances and evaluation: teenage boys’ stories for their peers. In.: THORNBORROW, J; COATES, J. *The sociolinguistics of narrative*. Amsterdam: John Benjamins, 2005.

CROFT, W.; CRUSE, A. *Cognitive Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press. 2004.

FABRÍCIO, Branca; e BASTOS, Liliana. Narrativas e identidade de grupo: a memória como garantia do “nós” perante o “outro”. In.: DIAS PEREIRA, Maria das Graças; PINHEIRO BASTOS, Clarissa R.; PEREIRA, Tânia C. [org.] *Discursos Socioculturais em interação*. Interfaces entre a narrativa, a conversação e a argumentação: navegando nos contextos da escola, saúde, empresa, mídia, política e migração. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

FAUCONNIER, G.; TURNER, M. *The way we think: conceptual blending and the mind's hidden complexities*. Nova York: Basic Books, 2002.

FILLMORE, C. J. The case for case reopened. In.: COLE; SADOCK [org.]. *Syntax and semantics*. New York: Academic Press, 1977.

\_\_\_\_\_. Topics in lexical semantics. In.: COLE. *Currents Issues in Linguistic Theory*. Indiana University Press, 1979.

\_\_\_\_\_. Frame semantics. In.: The linguistic society of Korea. *Linguistics in the morning calm*. Korea: Hanshin Publishing Company, 1982.

\_\_\_\_\_. Frames and the semantics of understanding. In.: *Quaderni di Semantica*. Vol. VI, nº 2, Dezembro de 1985.

\_\_\_\_\_. Semântica de frames. In.: *Cadernos de Tradução*, Porto Alegre, nº 25, jul-dez, 2009.

FONTES, Mariana Rocha. *Frames e Valores - Um Estudo sobre a Normatividade no Espaço Escolar*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, defesa prevista para setembro de 2012.

GOLDBERG, A. *Constructions: a construction Grammar approach to argument structure*. The University of Chicago Press, London, 1995.

LAKOFF, G. *Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, G.; JOHNSON. *Metáforas da Vida Cotidiana*. São Paulo: Mercado de Letras, 2002.

LAKOFF, G.; JOHNSON. *Philosophy in the Flesh: the embodied mind and its challenge to western thought*. New York: Basic Books, 1999.

LIMA, Fernanda; MEDEIROS, Cíntia et al. *Educação da oralidade: uma proposta para o ensino de língua materna*. 2007. Monografia (Especialização em Ensino de Língua) Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2007.

LIMA, Fernanda Raquel Oliveira. *A perspectiva discente do frame aula*. 2009. Dissertação. (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2009.

LIMA, Fernanda R. O. *A formação docente em letras: uma análise semântica das narrativas discentes*. Tese. (Doutorado em Linguística). Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, defesa prevista para março de 2014.

LAGE, L. et al. *A sala de aula – um estudo de caso a partir das vozes discentes*. 2009. Monografia. (Especialização em Ensino de Língua) Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2009.

MARTINS et al. *Educação da oralidade*. 2004. Monografia. (Especialização em Ensino de Língua) Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2004.

MIRANDA, N. *Gramaticalização e Gramática das Construções – Algumas convergências. Um estudo de caso: as construções Negativas Superlativas de IPN*. Relatório Acadêmico de Pós-doutoramento. Juiz de Fora, 2008.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. A vida sociocultural em construção: interação, situacionalidade, alteridade e ética. IN: DIAS PEREIRA, Maria das Graças; PINHEIRO BASTOS, Clarissa R.; PEREIRA, Tânia C. [org.] *Discursos Socioculturais em interação*. Interfaces entre a narrativa, a conversação e a argumentação: navegando nos contextos da escola, saúde, empresa, mídia, política e migração. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

PETRUCK, Mirian. *Frame Semantics*. University of California, Berkeley, 1996.

PINHEIRO, Raquel Martins Melo. *O frame aula: uma análise sociocognitiva do discurso docente*. 2009. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2009.

ROSCH, Eleanor. On the internal structure of perceptual and semantic categories. In: TIMOTHY E. Moore [Ed.]. *Cognitive development and the acquisition of language*. New York: Academic Press, 1973.

RUPPENHOFER, Josef; ELLSWORTH, Michael & outros. *The Book*. 2006. Disponível em <http://www.icsi.berkeley.edu/~framenet>. Acesso em janeiro de 2012.

SALOMÃO, M. M. M. FrameNet Brasil: um trabalho em progresso. In.: *Calidoscópio*. Unisinos, vol. 7, n. 3, set/dez de 2009.

\_\_\_\_\_. Gramática das construções: a questão da integração entre sintaxe e léxico. In: *Revista Veredas*. Juiz de Fora, MG, v. 6, n. 1, jan/jun. de 2002.

SARDINHA, Tony Berber. Linguística de Corpus: histórico e problemática. In.: *D.E.L.T.A.*, V. 16, nº 2, (323-367), 2000.

TANNEN, D. *Framing in Discourse*. Oxford University Press: 1993.

THREADGOLD, T. Performing theories of narrative: theorizing narrative performance. In: THORNBORROW, J; COATES, J. *The sociolinguistics of narrative*. Amsterdam: John Benjamins, 2005.

THORNBORROW, J; COATES, J. The sociolinguistics of narrative: identity, performance, culture. In.: THORNBORROW, J; COATES, J. *The sociolinguistics of narrative*. Amsterdam: John Benjamins, 2005.

TOMASELLO. Michael. *Constructing a language: a usage-based theory of language acquisition*. Harvard University Press, 2005.

\_\_\_\_\_. *Origens Culturais da aquisição do conhecimento humano*. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

\_\_\_\_\_. *Primeiros passos em direção a uma teoria da aquisição da linguagem baseada no uso*. In: Cadernos de tradução, Porto Alegre, n° 25, jul-dez, 2009.